



=====

DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL DA BACIA DO RIO UNA (ALIANÇA) NO SUL DA BAHIA

HORA, Jemima Bonfim¹; AMORIM, Raul Reis²; MOREAU, Ana Maria Souza Santos³;
PEREIRA, Zislândia¹; MOREAU, Maurício Santana²; OLIVEIRA, Antônio Fabrício
Vasconcelos¹; SOUZA, Rafael Jorge Storto¹; ANDRADE, Ana Cláudia Silva².

Palavras-Chave: Bacia Hidrográfica; Aspectos Físicos; Aspectos Sócio-econômicos
Eixo Temático: Gestão de Bacia Hidrográfica

RESUMO

Objetivou-se diagnosticar as transformações ocorridas na Bacia do Rio Una (Aliança), nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (geologia, geomorfologia, pedologia, clima e vegetação). Para o meio físico, utilizou-se informações da CEPLAC e Superintendência de Geologia e Recursos Minerais da Bahia, além de saídas de campo para levantamento das classes de solos, uso atual, material de origem dos mesmos e identificação dos processos erosivos. Os aspectos sócio-econômicos foram avaliados, mediante informações coletadas no censo do IBGE no período de 1970 a 2000, contagem da população de 1996 e Censo Agropecuário de 1996. A referida bacia apresenta diversidade litológica, sendo constituída por rochas sedimentares de baixo grau de metamorfismo, depositadas sobre gnaisses, migmatitos e granulitos. Com clima tropical úmido de chuvas abundantes e bem distribuídas anualmente, aliado, as variadas feições geomorfológicas, a pedogênese resultou na formação de Latossolos Vermelho, Vermelho-Amarelo e Amarelo; Espodossolos; Nitossolos; Neossolo Quartzarênico; Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo, constituindo-se, no geral, em solos com boas características químicas e de fertilidade. Tais características influenciaram a produção econômica, estando pautada na atividade primária, sobretudo na monocultura cacaueteira, mesmo após a crise da lavoura. Dentre os municípios pesquisados, Una foi o primeiro a diversificar sua economia, com atividades ligadas a fruticultura, exportação de dendê e exploração de piassava após a inserção de colonos japoneses no distrito de Colônia de Una durante a década de 50. Pelas condições de relevo, a bacia do Rio Una (Aliança) apresenta pouco potencial para atividades pecuárias, e esta foi implantada em propriedades que buscaram substituir o cacau por gado.

¹

² Estudantes do curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Rodovia Ilhéus/Itabuna, Km: 16, Bairro: Salobrinho, Ilhéus-BA. CEP: 45650-000. e-mail:reisraul@uol.com.br

³ Professores Adjuntos do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (DCAA) da UESC. e-mail: amoreau@uesc.br



1. Introdução

Em pleno século XXI, as sociedades buscam manter estratégias de convivência harmoniosa com a natureza, desempenhando uma relação desenvolvimento/preservação, levando-as a um grande desafio: utilizar os recursos naturais e os elementos da técnica de forma racional na (re)produção do espaço geográfico.

Para Cunha & Guerra (2003), ao agir sobre a natureza, o trabalho produz não somente uma simples modificação na forma da matéria, mas, além disso, um resultado simultâneo sobre o trabalhador. Na concepção marxista, a relação do homem com a natureza é sempre dialética: o homem enforma a natureza ao mesmo tempo em que esta o enforma.

Tal relação vem transformando o espaço geográfico do Sul da Bahia. Com a inserção da técnica após a ocupação portuguesa do século XVI, ocorreu uma exploração da área de forma irracional e indiscriminada, tendo como consequência a degradação de um dos ecossistemas de maior biodiversidade do planeta.

As atividades extrativistas e posteriormente, as atividades agrícolas, transformaram a paisagem natural em uma paisagem artificializada, alterando assim a dinâmica dos fatores naturais. Como exemplo pode-se mencionar as modificações no clima ocasionadas pela ação antrópica nas áreas florestais, com consequente aumento da temperatura e diminuição das chuvas; exposição da camada superficial dos solos com intensificação dos processos erosivos e dissecação do modelado.

Assim, o presente trabalho objetivou diagnosticar as transformações ocorridas na Bacia do Rio Una (Aliança), localizada no Sul da Bahia, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (aspectos geológicos, geomorfológicos, pedológicos, climáticos e de vegetação) da mesma.

2. Material e Métodos

A caracterização do meio físico foi feita utilizando dados e informações geradas pela CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) em uma publicação intitulada: “Série Diagnóstico Socioeconômica da Região Cacaueira”, composta de vários exemplares como: Geologia Econômica e Recursos Minerais (Gonçalves, 1976); Recursos Hídricos (Rocha Filho, 1976); Reconhecimento Climatológico (Roeder, 1975); Aptidão Agrícola dos Solos da Região Cacaueira (Silva et al., 1975); Recursos Florestais (Gouvêa et al., 1976) e Dinâmica e Uso da Terra (Leite, 1976). Aliada a estas informações, foi



consultado o Mapa Geológico do Estado da Bahia: Texto Explicativo (Barbosa e Dominguez (org.), 1996); a fim de complementação no entendimento e dinâmica do meio físico.

Realizou-se saídas de campo objetivando um maior detalhamento das informações obtidas referentes as classes de solos e seu uso atual, material de origem dos mesmos, processos erosivos, agentes naturais atuantes na construção do modelado da Bacia do Rio Una (Aliança).

Os aspectos sócio-econômicos foram avaliados mediante informações coletadas no censo do IBGE no período de 1970 a 2000, contagem da população de 1996 e Censo Agropecuário de 1996. Os dados foram coletados por município, no entanto, os mesmos foram agrupados a fim de possibilitar uma melhor compreensão das inter-relações entre estes e o meio físico.

3. Resultados e Discussão

3.1 Localização e características gerais da Bacia Rio Una (Aliança)

A Bacia do Rio Una (Aliança), localizada no Sul da Bahia entre os paralelos 15°03' – 15°25' de latitude sul e os meridianos de 39°00' – 39°29' longitude oeste (Figura 01), limita-se ao norte com a Bacia do Rio Cachoeira; a nordeste com a Bacia Litorânea; a oeste com as Bacias dos Rios Cachoeira e Pardo, ao sul com a Bacia do Rio Pardo; e a leste com o Oceano Atlântico (Rocha Filho, 1975).

Com uma superfície de 1.695 km², a mesma abrange no todo, ou em parte, os municípios de Arataca, Santa Luzia, São José da Vitória e Una, apresentando como rio principal o Una (Aliança), que recebe esta denominação a partir da confluência dos braços Norte e Sul, o que se dá nas imediações do núcleo colônia, tendo a partir deste ponto uma extensão de 25 km.



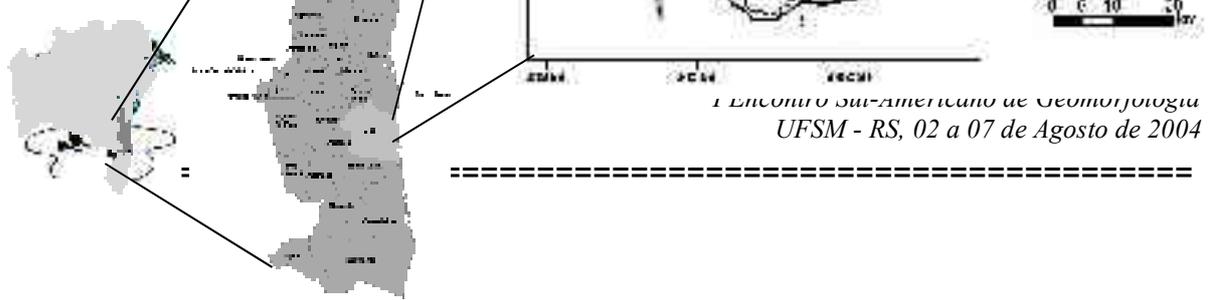


Figura 01: Localização da Bacia Una (Aliança). Fonte: CEDIC/UESC, 2004.

3.2. Meio físico e suas interrelações morfogenéticas

A Bacia do Rio Una (Aliança) é formada por rochas sedimentares de baixo grau de metamorfismo, de idade meso e neoproterozóica, depositadas sobre gnaisses, migmatitos e granulitos de idade paleoproterozóica e arqueana, por sua vez intrudidos por granitos e diques básicos do Mesoproterozóico (Pedreira, 1996). As mesmas foram formadas em períodos geológicos distintos e assim, a referida bacia é testemunha de diversos processos tectônicos. O embasamento, cuja idade vai do Arqueano ao Paleoproterozóico, compreende granulitos, gnaisses e migmatitos do Cinturão Granulítico. Cerca de um bilhão de anos atrás, no final do Mesoproterozóico, iniciou-se a sedimentação de parte da bacia, com deposições de leques aluviais em bacias do tipo graben, resultando nas Formações Salobro e Camacã, ambas pertencentes ao Grupo Rio Pardo. O Cenozóico foi marcado por mudanças climáticas e conseqüente deposição de sedimentos pré-intemperizados na faixa costeira do Brasil. Na referida bacia este evento resultou na deposição de sedimentos arenoargilosos do Grupo Barreiras e recentemente (Quaternário) depósitos arenosos (Gonçalves, 1976).

A litologia constituída por rochas ígneas e metamórficas de resistência uniforme e rochas sedimentares de estratificação horizontal condicionou o padrão de drenagem da bacia, caracterizada como dentrítico, definido por Cunha & Guerra (2001) como semelhante a galhos de uma árvore.

A litologia da bacia associada a ação de agentes endógenos e exógenos no modelado resultou em variadas feições geomorfológicas, sendo as mesmas assim dispostas de leste



=====

para a oeste: Planícies Marinha e Fluviomarinha, Tabuleiros Costeiros, Tabuleiros Pré-Litorâneos, Tabuleiros do Rio Pardo, Serras e Maciços Pré-Litorâneos.

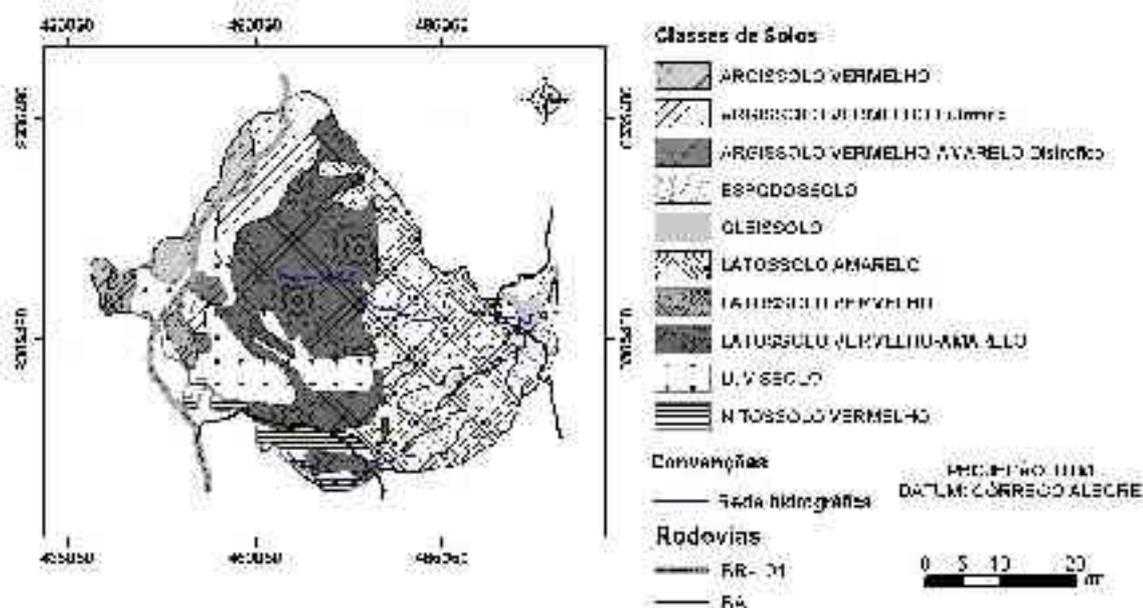
As Planícies Marinha e Fluviomarinha desenvolvem-se sobre os depósitos Quaternários, apresentando variação altimétrica entre 0 a 20 m. A Planície Marinha apresenta como principal agente de modelagem o oceano enquanto na planície fluviomarinha atuam os agentes marinho e fluvial.

O agente fluvial na constituição da Planície Fluviomarinha apresenta um papel secundário, porque a bacia do rio Una (Aliança) é considerada uma bacia hidrográfica de pequeno porte, apresentando uma vazão menor, se comparada a vazão de bacias que apresentam maior rede de drenagem como a bacia do Rio Pardo. A menor vazão leva a um menor débito de sedimentos na costa (Rocha Filho, 1976).

Próximo à costa desenvolvem-se flechas associadas a extensas praias e terrenos arenosos, com formação oriunda do transporte realizado pelas correntes longitudinais, levando os rios a apresentarem seu curso final paralelo à costa. Neste ambiente desenvolve-se vegetação de Restinga sobre solos classificados como Espodossolos e Neossolos Quartzarênicos (Figura 02), formando cordões litorâneos paralelos à linha de costa. Por sua localização em uma área privilegiada (faixa de praia), os processos de ocupação antrópicos com loteamentos e pousadas vem a cada ano degradando o ecossistema.

Acompanhando o curso dos rios, mas, ainda sob a influência das marés, desenvolve-se na área, os manguezais. Tal ecossistema é típico das zonas estuarinas tropicais e a sua vegetação é inundada temporariamente, sendo constituída por plantas halófilas adaptadas ao alto índice de salinidade e baixa concentração de oxigênio (Ab'Saber, 2003) sobre solos classificados por Gomes (2002), como Gleissolos Sálícos, Gleissolos Tiomórficos e Gleissolos Melânicos (Figura 02). A preservação deste ecossistema é importante para a vida marinha e estuarina por caracterizar-se como um dos ecossistemas costeiros de maior produtividade.

Figura 02: Mapa de distribuição dos Solos da Bacia do Rio Una (Aliança). Fonte: CEDIC/UESC, 2004.



Após as Planícies Marinha e Fluvio-marinha adentra-se na feição dos Tabuleiros que são divididos em Costeiros, Pré-Litorâneos e do Grupo Rio Pardo.

Os Tabuleiros Costeiros tem média altimétrica dos 100 m e inclinação geral para o mar. Tal feição coincide com o Grupo Barreiras, formado por sedimentos areno-argilosos que foram transportados por fluxos de lama durante o Terciário, sendo os sedimentos provenientes do desmonte de antigas superfícies.

Como tabuleiro, resulta de uma superfície de aplainamento neogênica, dissecado homogeneamente, formando interflúvios tabulares de extensão pequena a média, entalhados profundamente por alta densidade de ravinas.

As declividades são moderadas localmente, chegando a forte. Na porção sudeste da Bacia, o padrão de drenagem é alinhado no sentido SO-NE, por influência da estruturação do embasamento.

O clima tropical úmido com chuvas abundantes e bem distribuídas anualmente, relevo plano e suave ondulado em sedimentos do Grupo Barreiras, condicionaram uma pedogênese, neste trecho da bacia, que resultou na formação de Latossolos e Argissolos Amarelos (Figura 02), caracterizados pela baixa atividade de argila, baixa fertilidade e cores amareladas pela presença de goethita (Embrapa, 1999).

Os Tabuleiros Pré-Litorâneos situam-se em torno de 100 a 200 m de altitude. Coincidem com parte do Grupo Barreiras e principalmente áreas de ocorrência do embasamento. Durante a última transgressão marinha a 5 milhões de anos (Barbosa e



=====

Dominguez (org), 1996), os Tabuleiros Pré-Litorâneos eram falésias ativas, com escarpas abruptas no contato com o mar.

Identificou-se, neste domínio, solos pertencentes as classes dos Latossolos Amarelos e Espodossolos (Figura 02), estando estes nas pequenas depressões. A gênese dos mesmos parece antagônica. Trata-se de solos de baixa fertilidade natural, com conseqüente restrições ao uso agrícola. Na área, são aproveitados com pastagens naturais, plantações de piassava, coco-da-baía e diversas frutas, tratando-se portanto de cultura de poucas exigência nutricional. Quanto a sua gênese, algumas hipóteses tem sido levantadas para a ocorrência de Latossolo Amarelos associados a Espodossolos em tabuleiros, dentre elas, Moreau (2002) destaca: a) desenvolvimento a partir de material das fácies de granulometria grosseira do próprio Barreiras; b) deposição de material arenoso do quaternário sobre o Barreiras; c) acidólise com destruição de argila e erosão do material mais arenoso para a parte abaciada com posterior formação do Espodossolo. Já sobre o Embasamento Cristalino, desenvolvem-se os Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo e Latossolos Vermelho e Vermelho-Amarelo.

Já na parte compreendida pelo Tabuleiro do Rio Pardo a litologia constituída por filitos, metassilitos, calcários, dolomitos, conglomerados e ardósias do Grupo Rio Pardo, aliado ao clima tropical úmido, levou a formação de manchas de solos (Nitossolos, Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo e Latossolos Vermelho e Vermelho-Amarelo - Figura 02) com características químicas e de fertilidade mais favoráveis ao seu uso agrícola. A cor destes solos reflete a riqueza em ferro no próprio material de origem e conseqüente disponibilidade de nutrientes.

Comparando os Latossolos Amarelos de ocorrência na bacia em estudo, percebe-se que a diversidade no material de origem proporcionou a formação de Latossolos semelhantes quanto aos seus atributos físicos e morfológicos, mas com diferenças marcantes quanto a sua composição química. Isso é comprovado quando analisa-se um Latossolo Amarelo formado a partir de uma rocha do Cinturão Granulítico (Tabuleiro Pré-Litorâneo) e outro formado de rochas inconsolidadas do Grupo Barreiras (Tabuleiro Costeiro). O primeiro, apresenta uma maior reserva de nutrientes que aquele formado por material do Grupo Barreiras. Isso é justificado pelo fato dos sedimentos do Grupo Barreiras serem pré-intemperizados e edafizados antes da deposição e o outro, ser formado diretamente do intemperismo de rochas do embasamento cristalino, portanto, menos sujeito ao transporte.



=====

Sobre os Tabuleiros da Bacia do rio Una (Aliança) hoje, as manchas de Mata Atlântica são cercadas pela vegetação de capoeira, ou seja, vegetação secundária. Esta vegetação é constituída por espécies vegetais de alto porte, sendo as árvores frondosas, de folhas largas e sempre verdes.

O modelado que era recoberto pela Mata Atlântica, fora durante a história de ocupação da bacia, bastante devastada. Os remanescentes que existem atualmente estão associados as plantações de cacau. A introdução do gado, a partir da década de 1950, vem favorecendo os processos erosivos, sendo acelerados pelo pisoteio animal sobre os solos das encostas pouco protegidas.

É importante frisar que nestas manchas de Mata Atlântica, a preservação de um número considerável de espécies dá-se, dentre outros fatores, mediante a criação de reservas particulares de fazendas de cacau ou pela criação de áreas de proteção ambiental pelo Governo Federal como a Reserva Biológica de Una, sancionada pela lei de número 85463-80. Outro fator de preservação das espécies está na existência do dorsel superior para sombreamento do cacau, que, regionalmente, recebe a denominação de “cabrunca ou cabruca”.

As Serras e Maciços Pré-Litorâneos abrangem um modelado movimentado, entremeados por áreas relativamente planas. Bahia (1996) caracteriza, geomorfologicamente, esta unidade pela ocorrência de interflúvios convexizados, configurando colinas e morros que assumem feições de serras. As encostas apresentam-se convexas, côncavas e retilíneas, associadas a afloramentos de rocha. As vertentes são íngremes, com declividade acentuada a forte, e os topos das serras podem ser aguçados.

Os desníveis são acentuados, com altitudes que variam de menos de 100 a 300 m nas áreas mais planas e entre 500 a 800 m nas encostas mais íngremes. Incluem os principais relevos positivos da área e a sua distribuição a NW a SE delimita a depressão Itabuna-Itapetinga (Leite, 1976).

O desenvolvimento das Serras e Maciços Pré-Litorâneos é fruto da ação de agentes de denudação em terrenos escarpados, onde a remoção do manto de intemperismo permitiu que as rochas do substrato ficassem expostas ou pouco profundas.

Pedologicamente, as Serras e Maciços Pré-Litorâneos caracterizam-se pela ocorrência de Latossolos e Argissolos Vermelho Eutróficos e os Luvisolos (Figura 02). Estes solos, devido a própria riqueza do material de origem e pela sua gênese está relacionada a área com menor índice pluviométrico (entre 750 a 1000 mm anuais) (Roeder, 1975), apresentam um caráter de eutrofia. Registra-se o desenvolvimento de solos com



=====

argila de atividade alta, saturação por bases superior a 50% e reserva em potencial de nutrientes.

Apesar da geomorfologia caracterizada por Serras e Maciços Pré-litorâneos, portanto com desníveis acentuados onde espera-se uma boa drenagem e lixiviação dos produtos do intemperismo, a pedogênese neste trecho resultou na formação de solos mais argilosos, com estrutura em blocos forte a moderada, presença de cerosidade e riqueza química. Estas características advêm de uma gênese controlada por clima com menor precipitação, aliada a material de origem com maior presença de minerais ferromagnesianos.

3.3. Aspectos socioeconômicos

A Bacia do Rio Una (Aliança) tem sua produção econômica pautada na atividade primária (agricultura, pecuária e extrativismo), desde sua ocupação inicial (final do século XIX), sobretudo na monocultura cacaeira. Isso vem afetando, ao longo dos anos, a infraestrutura urbana, tornando-a pouco desenvolvida, em relação as cidades circunvizinhas como Ilhéus e Itabuna (SEI, 1998). Tal fato pode ser comprovado mediante a análise do quadro socioeconômico atual dos quatro municípios que compõem a referida bacia: Una, Santa Luzia, Arataca e São José da Vitória.

Conforme a Tabela 1, a população de Una, comparando com os demais municípios da bacia, sofreu um decréscimo populacional entre as décadas de 1980 e 1990 em decorrência da crise da lavoura cacaeira agravada pela vassoura-de-bruxa, voltando a ter um acréscimo substancial entre 1991 e 1996. Dentre as possíveis causas deste aumento destaca-se a mudança na base econômica do município no referido período. Em 1991 a monocultura cacaeira era destaque na região e com o declínio da produtividade houve uma necessidade de instalação de outras culturas. A partir de 1991 o cultivo da piassava, coco-da-bahia e seringueira passam a constituir a base econômica de Una e assim, quase não ocorreu evasão populacional, além de receber, ao longo dos anos, um contingenciamento populacional dos municípios circunvizinhos que mantiveram sua economia pautada no cacau. Isto é claramente comprovado ao analisar-se o decréscimo na população absoluta de Arataca e Santa Luzia, para o mesmo período (1991/2000).

Na bacia em estudo, a concentração da população na cidade não é reflexo de predomínio de atividades econômicas urbanas como o comércio e a indústria. O campo não absorve toda a mão de obra disponível, levando a população a migrar para outras cidades maiores como Ilhéus, Itabuna e Porto Seguro. Em Arataca, Santa Luzia e São José da Vitória quem não busca outras cidades, migra para a sede do município tendo como



alternativa de emprego o serviço público e o comércio local. Outra fonte de renda na sede destes municípios são as aposentadorias e os programas sociais do Governo Federal para menores em idade escolar, como Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Vale Gás.

Tabela 1: População total, rural e urbana dos municípios da Bacia do Rio Una (Aliança) em 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000.

Municípios	Situação	Ano				
		1970	1980	1991	1996	2000
Arataca*	Total	-	-	13.594	12.030	11.218
	Urbana	-	-	4.456	5.989	5.483
	Rural	-	-	9.138	6.041	5.735
Santa Luzia*	Total	-	-	16.319	16.260	15.503
	Urbana	-	-	7.410	8.084	8.329
	Rural	-	-	8.909	8.176	7.174
São José da Vitória*	Total	-	-	8.768	6.837	6.210
	Urbana	-	-	5.217	3.752	5.154
	Rural	-	-	3.551	3.085	1.056
Una	Total	22.344	37.601	23.757	31.114	31.261
	Urbana	4.177	7.233	5.347	6.177	15.274
	Rural	18.167	30.368	18.410	24.937	15.987
Total**	Total	22.344	37.601	62.438	66.241	64.192
	Urbano	4.177	7.233	22.430	24.002	34.240
	Rural	18.167	30.368	40.008	42.239	29.952

* os municípios só foram emancipados em 1985.

** nos anos de 1970 e 1980 considerou apenas a população de Una. Fonte: www.ibge.gov.br.

Mesmo com a cacauicultura apresentando uma grave crise, a participação desta atividade na economia da bacia é considerável. Observando-se a Tabela 2, constata-se que a produção cacaueteira sofreu algumas alterações ao longo dos últimos onze anos. No entanto, a crise na lavoura advém de décadas passadas e apenas foi agravada nos últimos anos. Andrade (2003), afirma que o ciclo do cacau pode ser dividido em quatro fases:

- A primeira fase (1746 até 1930) - período do desbravamento e consolidação da lavoura que vai desde a introdução das primeiras sementes e a formação das primeiras roças de cacau. Em 1895, período da emancipação de Una, o Sul da Bahia exportou 112 mil sacas e seis anos mais tarde o Brasil ocupou o primeiro lugar na exportação mundial, e em 1927, passa a exportar pelo Porto de Ilhéus, mais de 1 milhão de sacas;
- A segunda fase, caracterizada como fase da organização econômica da lavoura, ocorreu entre 1930 e 1957, período marcado pela grande produção, comercialização e exportação



=====

que começa a partir de 1957 entrar em declínio, com a diminuição da produção, devido esgotamento nutricional dos solos e pela falta de renovo dos antigos cacauais (tinham em média 50 anos) que produziam cada vez menos;

- A terceira fase limitou-se entre 1957 e 1988, caracterizada pela crise da produtividade, no qual a instabilidade no mercado internacional, levou ao declínio do preço do cacau e ao aumento no preço dos insumos. Problemas de ordem natural atingiram a área, como a oscilação de temperatura favorecendo a podridão parda;
- A quarta fase é a fase atual, caracterizada como a fase da destruição da lavoura que teve início em 1988, com a instalação da vassoura-de-bruxa na região, que fez com que a produção diminuísse cada vez mais.

Tabela 2 – Produção de amêndoas de cacau em toneladas nos municípios da bacia do Rio Una (Aliança) entre 1990-2001.

Ano	Municípios			
	Arataca	São José da Vitória	Santa Luzia	Una
1990	2.585	2.635	3.174	2.000
1991	2.478	2.591	3.096	1.600
1992	9.029	1.980	2.340	7.666
1993	9.029	1.980	2.340	8.517
1994	9.029	1.980	2.340	8.517
1995	8.791	2.085	6.981	8.506
1996	4.930	1.176	3.552	7.720
1997	4.883	1.455	4.925	9.900
1998	4.830	1.460	4.499	9.970
1999	3.098	1.350	3.108	6.908
2000	2.384	1.223	2.100	5.515
2001	2.178	1.098	1.269	4.388

Fonte: www.ibge.gov.br

Como reflexo da monocultura cacauaieira, a infra-estrutura urbana apresenta-se pouco desenvolvida (Tabela 3). Equipamentos básicos ligados à saúde e educação apresentam-se em número bastante reduzido, levando a população a procurar tais serviços em outras cidades da região. Outro problema é a falta de agências bancárias desfavorecendo a economia dos municípios, uma vez que para efetuar pagamentos e recebimentos, a população e principalmente os funcionários públicos devem deslocar-se a cidade mais próxima que disponibilize o serviço. Una, emancipado-se em 1895, apresenta uma infra-estrutura urbana mais desenvolvida, se comparada a outros municípios da bacia (que eram vilas até 1985), e deficiente, quando comparada a municípios circunvizinhos como Ilhéus e Itabuna que apresentam população e atividades econômicas predominantemente urbanas.



Os municípios, da bacia em estudo, apresentam atividades econômicas e grande parcela da população ligada ao setor rural.

Tabela 3 - Condições dos equipamentos da infra-estrutura urbana dos Municípios de Arataca, Santa Luzia e São José da Vitória em 2000.

Categoria	Municípios			
	Arataca	Santa Luzia	São José da Vitória	Una
Hospitais	0	0	0	2
Unidades Ambulatoriais	3	5	1	7
Estabelecimentos de Ensino Fundamental	32	43	12	86
Estabelecimento de Ensino Médio	1	2	2	2
Bancos	0	0	0	1

Fonte: www.ibge.gov.br

Quanto a estrutura fundiária, no que se refere a condição legal das terras (Tabela 4), percebe-se que predomina o uso de terras próprias, sendo que em média cada propriedade apresenta área de 50,68 hectares enquanto outras modalidades de exploração da terra (arrendadas, em parceria e ocupadas) apresentam número bastante insignificante. O predomínio de terras próprias, é reflexo do processo de ocupação da área que durante o século XIX foi disputada entre os desbravadores e coronéis de cacau que disputavam a terra por grilagem.

Tabela 4 - Número de estabelecimentos e área dos estabelecimentos por condição legal das terras da Bacia do Rio Una (Aliança) em unidade e hectares, para o ano 2000.

Condição legal das terras	Número de estabelecimentos por condição legal das terras (Unidade)	Área dos estabelecimentos por condição legal das terras (Hectare)
Terras próprias	4253	215.577,10
Terras arrendadas	3	16,3
Terras em parceria	79	1.060,95
Terras ocupadas	75	1.077

Fonte: www.ibge.gov.br

Na Tabela 5, percebe-se que as lavouras permanentes ocupam a maior área e o maior número de estabelecimentos em toda a bacia, reflexo da monocultura instalada na região. O plantio do cacau, mesmo com a crise, ainda apresenta expressividade na economia da área estudada. Dentre os municípios analisados, Una foi o primeiro a diversificar sua economia, com atividades ligadas a fruticultura, exportação de dendê e exploração de piassava após a inserção de colonos japoneses no distrito de Colônia de Una durante a década de 50. A



partir de 1996, o município passou a beneficiar parte da sua produção, com a implementação de pequenas indústrias com as de palmito e polpa de frutas (Farias, 2001).

Os municípios da bacia do Rio Una (Aliança) apresentam pouco potencial para atividades pecuárias, se comparados a outras regiões do Estado da Bahia como a microrregião agropastoril de Itapetinga e de Feira de Santana (Bahia, 2004). A pecuária instalou-se principalmente em áreas de pastagens naturais. As pastagens artificiais representam metade da área de pastagens naturais. Foram implantadas em propriedades que buscaram substituir o cacau por gado. Nas áreas de matas naturais e artificiais predominam as atividades extrativistas, principalmente o extrativismo de madeira em tora (Farias, 2001), no entanto, com um forte declínio devido as ações mais eficazes de combate a extração de madeira de órgãos públicos como o IBAMA e Organizações Não-Governamentais. É bastante considerável a área de Matas e Florestas Naturais na área da bacia, preservada em função da lavoura cacauzeira, que necessitava da sombra da vegetação para desenvolver-se.

Tabela 5 - Área e número de estabelecimentos por utilização das terras na Bacia do Rio Una (Aliança) em hectare e unidade em 2000.

Utilização das Terras	Área em hectare	Número de Estabelecimentos
Lavouras permanentes	88.280,62	3.991
Lavouras temporárias	2.598,309	851
Lavouras temporárias em descanso	3.083,1	339
Pastagens Naturais	30.999,04	2.082
Pastagens Plantadas	14.117,7	900
Matas e Florestas Naturais	63.017,19	2.646
Matas e Florestas Artificiais	1.191,406	65
Terras produtivas não-utilizadas	9.023,384	922
Terras Inproveitadas	5.420,62	1.897

Fonte: www.ibge.gov.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bacia do Rio Una (Aliança) nos últimos anos vêm apresentando transformações sócio-espaciais devido a implantação e posterior crise da lavoura cacauzeira (Andrade, 2003), que levou a região a buscar recuperar-se da crise econômica.

O meio físico, com a intervenção humana, vêm sofrendo transformações, como a diminuição da pluviosidade pela retirada da mata; o crescente número de ravinamentos em



decorrência do uso inadequado do solo; a diminuição da vazão dos rios e o assoreamento pela ocupação das margens e a retirada da mata ciliar entre outros.

Ao utilizar os elementos naturais como recurso em atividades produtivas, as sociedades utilizam técnicas nocivas ao ambiente, não permitindo sua auto-recuperação.

A atividade agrícola desde o século XIX manteve como base a monocultura cacaeira voltada para exportação. Os municípios de Ilhéus e Itabuna recebiam os maiores investimentos na área urbana, por serem centros de comercialização e exportação de cacau, em detrimento aos demais municípios da Região Cacaeira que mantinham seu desenvolvimento urbano insipiente (Andrade, 2003).

A implantação de novas culturas e a instalação de pequenas indústrias dão um novo direcionamento da economia local em decadência após declínio da lavoura cacaeira.

A Bacia do Rio Una (Aliança) apresenta um potencial bastante grande no desenvolvimento de atividades primárias, sobretudo, deve-se realizar com um estudo de técnicos para evitar cada vez mais impactos e um manejo da Bacia sustentável (Schiavetti, 2003).

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidade paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, M. P. **Ilhéus: Passado e Presente**. Editus, Ilhéus, 2003.

BARBOSA, J. S. F. e DOMINGUEZ, J. M. L. (org.). **Geologia da Bahia: Texto explicativo para o mapa geológico ao milionésimo**. Salvador: Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração. Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 1996. 400p.

BAHIA. **Plano Diretor de Recursos Hídricos: Bacias da Região Leste**. Salvador: Secretaria de Recursos Hídricos, Saneamento e Habitação; Superintendência de Recursos Hídricos, 1996. 194p. (Volume I - Tomo I)

BAHIA, **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. www.sei.ba.gov.br (2004).

BRASIL, **Relatório do censo 2000**. www.ibge.gov.br

CUNHA, S.B. e GUERRA, A. T. **Geomorfologia: Uma Atualização de Bases e Conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

CUNHA, S.B. e GUERRA, A. T. **Questão Ambiental: Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.



=====

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro, RJ). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Brasília: Embrapa Produção de Informação; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999. 412p.

GOMES, F. H. **Caracterização de solos de manguezais e de restinga no município de Ilhéus-Bahia**. Viçosa: UFV, 2002. 96p. (Dissertação de Mestrado)

GOUVÊA, J. B. S. **Recursos Florestais**. Rio de Janeiro: Carto-gráfica Cruzeiro do Sul, 1976. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira).

GOMES, J. F. E RAMOS, L. M. **Importância Econômica do Mangostão para o Município de Una-BA**. UESC, 2002. (monografia)

GONÇALVES, E. **Geologia Econômica e Recursos Minerais**. Rio de Janeiro: Carto-gráfica Cruzeiro do Sul, 1976. 142p. (Diagnóstico Sócio-Econômico da Região Cacauzeira)

LEITE, J. O. **Dinâmica do Uso da Terra**. Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976 (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira).

MOREAU, A. M. S. S. **Gênese, mineralogia e micromorfologia de horizontes coeso, fragipã e duripã em solos de tabuleiro costeiro do sul da Bahia**. Viçosa: UFV, 2001. 137p. (Tese de Doutorado)

PEDREIRA, A. J. **Geologia e Minerais da bacia metassedimentar do Rio Pardo, Bahia**. Salvador: CBPM, 1996. 18p. (Série Arquivos Abertos; 11)

ROEDER, Miguel. **Reconhecimento Climatológico**. Rio de Janeiro: Cartográfica Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)

ROCHA FILHO, C. A. **Recursos Hídricos**. Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976 (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)

SCHIAVETTI, A. (org.). **Conceitos de Bacias Hidrográficas**. Editus, Ilhéus, 2002.

SILVA, L. F. **Aptidão agrícola dos solos da região cacauzeira**. Rio de Janeiro: Cartografia Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)